

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ-UNIPORÁ
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELLA BUENO BARBOSA

LUDOTERAPIA NO CONTEXTO HOSPITALAR: CONTRIBUIÇÕES
PARA A RECUPERAÇÃO E BEM-ESTAR DE CRIANÇAS
HOSPITALIZADAS

IPORÁ-GO
2024

GABRIELA BUENO BARBOSA

**LUDOTERAPIA NO CONTEXTO HOSPITALAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A
RECUPERAÇÃO E BEM-ESTAR DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS**

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^a Dyullia Moreira de Sousa

BANCA EXAMINADORA

Dyullia Moreira de Sousa

Professor(a) Dyullia Moreira de Sousa

Presidente da Banca e Orientadora

Eva Cassia Faria da Silva

Professor(a) Eva Cassia Faria da Silva

Docente convidada

Jaqueline de Sousa Silva Ferreira

Professor(a) Jaqueline de Sousa Silva Ferreira

Coordenadora do curso de Psicologia

IPORÁ-GO

2024

LUDOTERAPIA NO CONTEXTO HOSPITALAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A RECUPERAÇÃO E BEM-ESTAR DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

PLAY THERAPY IN THE HOSPITAL CONTEXT: CONTRIBUTIONS TO THE
RECOVERY AND WELL-BEING OF HOSPITALIZED CHILDREN

Gabriella Bueno Barbosa¹

Dyullia Moreira de Sousa²

RESUMO

Historicamente, hospitais eram associados ao sofrimento e à morte, sendo ambientes pouco acolhedores. No entanto, a importância de humanizar esses espaços, especialmente para crianças, tem se tornado cada vez mais evidente. A ludoterapia, que utiliza o brincar como ferramenta terapêutica, surge como uma alternativa promissora para transformar a experiência hospitalar. Mediante o exposto, este estudo buscou investigar como a ludoterapia pode contribuir para a recuperação de crianças hospitalizadas. A pesquisa parte da premissa de que o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil e pode ser um poderoso aliado no enfrentamento de situações desafiadoras, como a hospitalização. Os objetivos da pesquisa incluem apresentar o conceito de ludoterapia, analisar os impactos da hospitalização no bem-estar infantil, apontar os benefícios da ludoterapia e relatar a atuação do psicólogo em intervenções lúdicas. A revisão da literatura corrobora a importância da ludoterapia, evidenciando que o brincar pode diminuir o estresse, auxiliar na recuperação e promover a expressão de sentimentos. A ludoterapia permite que as crianças compreendam melhor o processo de tratamento e lidem de forma mais positiva com a hospitalização. Considerando seus resultados, conclui-se que a ludoterapia se mostra como uma ferramenta eficaz para promover o bem-estar emocional de crianças hospitalizadas. Ao proporcionar momentos de alegria e descontração, o brincar contribui para a humanização do cuidado, fortalecendo o vínculo entre a criança, a família e os profissionais de saúde.

Palavras-chave: Ludoterapia. Hospitalização infantil. Bem-estar. Humanização.

¹ Graduanda em Psicologia pela Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Email:

² Orientadora, Bacharel (UFMT) Mestranda em Psicologia (UFG) Docente do Curso de Psicologia da UNIPORÁ.
Email: dyu.moreir@gmail.com

ABSTRACT

Historically, hospitals have been associated with suffering and death, and are unwelcoming environments. However, the importance of humanizing these spaces, especially for children, has become increasingly evident. Play therapy, which uses play as a therapeutic tool, has emerged as a promising alternative to transform the hospital experience. Given the above, this study sought to investigate how play therapy can contribute to the recovery of hospitalized children. The research is based on the premise that play is fundamental to child development and can be a powerful ally in facing challenging situations, such as hospitalization. The study hypotheses suggest that play therapy can: (1) promote joy and confidence, (2) alleviate children's worries, (3) restore individuality and reduce depressive symptoms, and (4) humanize hospital spaces. The objectives of the research include presenting the concept of play therapy, analyzing the impacts of hospitalization on child well-being, pointing out the benefits of play therapy, and reporting the role of psychologists in playful interventions. The literature review corroborates the importance of play therapy, showing that playing can reduce stress, aid recovery, and promote the expression of feelings. Play therapy allows children to better understand the treatment process and deal with hospitalization in a more positive way. Considering its results, it is concluded that play therapy is an effective tool for promoting the emotional well-being of hospitalized children. By providing moments of joy and relaxation, play contributes to the humanization of care, strengthening the bond between the child, the family, and health professionals.

Keywords: Play therapy. Child hospitalization. Well-being. Humanization.

1 INTRODUÇÃO

As instituições hospitalares foram os primeiros locais destinados ao tratamento das moléstias dos indivíduos. Já no século XVIII, os hospitais eram locais de ajuntamento de doentes, o que os tornavam ambientes propagadores de epidemias, sendo também relacionados ao sofrimento e à morte. Observa-se que mesmo no presente, a ideia de sofrimento e morte se sobrepõe à da cura e nascimento, tornando os hospitais espaços lúgubres e destituídos de alegria (Lima *et al.*, 2021).

Quando se trata do ambiente hospitalar, o ato de brincar pode ser um recurso importante para que a criança internada possa expressar suas emoções e desvelar sentimentos que se tornam contraditórios. Nesse sentido, observa-se que a brincadeira pode amenizar os abalos emocionais sofridos pelas crianças hospitalizadas.

O brinquedo corresponde a uma ferramenta considerada imprescindível na vida da criança, podendo ser utilizado, não apenas para a distração ou lazer, mas enquanto meio efetivo para a cura. Assim, partindo desse contexto, o presente estudo terá como problema de pesquisa

a seguinte pergunta: como a ludoterapia poderá ser utilizada no contexto hospitalar, a fim de contribuir para a recuperação de crianças hospitalizadas?

As hipóteses compreenderam a seguinte organização: As abordagens lúdicas podem suscitar a alegria e a confiança, materializando algumas das ferramentas de cuidado, dentre os benefícios da ludicidade se encontra o alívio das preocupações das crianças hospitalizadas, redimensionando a experiência relativa ao adoecer. Quando se trata de crianças em tratamento, a ludicidade ocasiona a retomada da individualidade, além da redução dos possíveis quadros depressivos. Nos hospitais, a Ludoterapia corresponde à possibilidade de ressignificação e humanização dos espaços destinados ao tratamento, principalmente quando se trata de crianças em recuperação.

Por sua vez, o objetivo geral do estudo esteve em discorrer sobre o uso da Ludoterapia hospitalar como recurso promotor da recuperação e do bem-estar da criança hospitalizada. Ademais, os objetivos específicos foram: Apresentar o conceito de Ludoterapia; Levantar os impactos da hospitalização no bem estar infantil; Apontar os benefícios da Ludoterapia no tratamento de crianças hospitalizadas; Relatar os resultados quanto a atuação do psicólogo nas intervenções ludoterapêuticas destinadas às crianças em tratamento hospitalar.

Souza *et al.* (2017) argumenta que as atividades lúdicas no âmbito hospitalar são de grande importância, visto que as brincadeiras podem diminuir os fatores capazes de causar grande estresse, além de ajudarem na recuperação das crianças. Santos *et al.* (2018) afirma que para as crianças, o hospital tem grande relação com a dor e o sofrimento, não apenas físico, mas psíquico, uma vez que é no ambiente hospitalar que os diagnósticos são determinados, impactando significativamente o bem-estar infantil.

A *priori*, a ludoterapia no ambiente hospitalar tem por objetivo promover o equilíbrio emocional, principalmente ao se considerar que por meio do ato de brincar, a criança hospitalizada pode expressar medos, pavores, angústias e dúvidas. Não obstante, ao brincar, os pacientes infantis podem compreender melhor o porquê das intervenções e lidar melhor com as experiências negativas decorrentes da hospitalização (Santos *et al.*, 2018).

Considerando a importância da Ludoterapia no apoio ao tratamento, recuperação e bem-estar de crianças hospitalizadas, este estudo se justifica, partindo da necessidade de ampliar os saberes relacionados ao tema, ao passo que constroi uma perspectiva para a atuação do profissional da Psicologia. Ademais, destaca-se que a relevância da temática advém do propósito de realizar um estudo que seja significativo, contribuindo, efetivamente, com os profissionais que atuam no ambiente hospitalar.

Mediante o exposto, espera-se que a pesquisa sobre Ludoterapia hospitalar resulte em uma perspectiva positiva e abra os horizontes aos profissionais que desejam atuar com crianças hospitalizadas.

1.1 REVISÃO TEÓRICA

1.1.1 Hospitalização Infantil

Martins *et al.* (2016), reforça que a hospitalização de crianças pode ser descrita como parte de um processo revestido de grande complexidade, pois resulta de um abalo no cotidiano e diverge de parte das experiências vivenciadas em seu dia a dia. O impacto dessas experiências, mesmo que sejam curtas, se refletem no comportamento infantil, podendo desencadear alguns sentimentos negativos, por exemplo, tristeza, melancolia, agressividade ou regressão em relação à faixa etária da criança.

A hospitalização infantil, sob a perspectiva de Salgado *et al.* (2018), impõe às crianças e seus familiares um conjunto de desafios que transcendem os aspectos clínicos, demandando um olhar atento às necessidades sociais e emocionais. Para Alves *et al.* (2019), a internação hospitalar pode desencadear um processo de desgaste físico e emocional, impactando significativamente as esferas psicomotora, afetiva e cognitiva da criança.

No entanto, Alves *et al.* (2019) evidencia que o ambiente hospitalar pode ser um espaço de fortalecimento dos vínculos familiares, promovendo a afetividade e a interação social entre as crianças. A troca afetiva entre a criança e sua família, nesse contexto, emerge como um fator crucial para a recuperação e o bem-estar, contribuindo para a construção de um ambiente mais humanizado e acolhedor.

Ressalta-se que na hospitalização da criança, a família sofre um impacto marcante, principalmente, em relação à dinâmica familiar e seu cotidiano. Esse processo pode desencadear em sentimentos pautados na incerteza, ocasionando também no sofrimento psíquico dos entes queridos (Bazzan *et al.* 2020).

Do mesmo modo, a ansiedade e as preocupações vivenciadas pelos familiares durante a hospitalização da criança constituem um evento altamente estressante, intensificado pela vulnerabilidade da criança e pela ruptura da rotina familiar. A hospitalização infantil, segundo Rodrigues, Fernandes e Marques (2020), representa um marco crítico na vida da família, especialmente durante a primeira infância, quando o vínculo familiar é mais intenso e a criança

é mais dependente dos cuidados parentais. A retirada da criança de seu ambiente familiar e social, associada à incerteza sobre o prognóstico da doença, pode gerar um impacto emocional profundo tanto na criança quanto em seus familiares.

Tal separação do ambiente de segurança causa angústia, desconforto e dor, afinal a criança encontra-se num ambiente desconhecido, onde a linguagem e os procedimentos dificultam ainda mais esse ciclo da vivência do profissional - paciente. Ademais, inúmeras reações físicas e emocionais, como perda de autoestima; fobias; ansiedade, medo, insegurança e desorientação, são desencadeadas, aumentando assim a vulnerabilidade tanto dos pais como das crianças (Pontes *et al.*, 2022, p. 9).

Para Silva, Souza e Teixeira (2019), embora seja marcante na vida da criança, principalmente ao se tratar de alguma doença mais grave ou incurável, a hospitalização não impede que muitas de suas atividades sejam realizadas. Além disso, os autores ressaltam que a preocupação também precisa se voltar para as urgências emocionais da criança, o que exige a presença de profissionais capazes de ofertar oportunidades significativas para o bem-estar no ambiente hospitalar.

Ferreira *et al.* (2020) evidencia que a hospitalização infantil, mesmo com a presença dos pais, pode desencadear um sentimento controverso de solidão e independência na criança, visto que em alguns casos, não é possível o acompanhamento de um familiar o tempo todo. Por outro lado, o isolamento inerente ao ambiente hospitalar, aliado à novidade e à ruptura da rotina, geram um estado de vulnerabilidade que pode ser vivenciado como um distanciamento tanto do mundo familiar quanto do mundo infantil.

Essa experiência, caracterizada pela necessidade de cuidados intensivos e pela adaptação a um novo contexto, acaba sobrecarregando a família, levando-a a vivenciar sentimentos de exaustão e desconforto. A dificuldade em conciliar as demandas do cuidado da criança hospitalizada com as próprias necessidades familiares pode, por sua vez, comprometer a qualidade do convívio no ambiente hospitalar e é comum as situações em que a criança se mostra irritável e entediada, ao passo que os cuidadores também perdem a paciência diante dessas situações (Ferreira *et al.*, 2020).

De acordo com Souza *et al.* (2017), ao hospital ainda se encontra veiculada a imagem de local insalubre, para onde as pessoas vão em busca de tratamento, mas em alguns casos, não sabem se voltam. Sendo um local repleto de restrições e riscos constantes, a ideia de um lugar amedrontador pode interferir significativamente no processo de tratamento e cura. No caso de crianças o sentimento de medo e angústia é ainda maior.

1.1.2 Ludoterapia

A Ludoterapia é uma palavra de origem latina, derivado de *ludus*, cujo significado se remete a jogos. Sua base principal é a psicanálise infantil, pela qual a criança é estimulada a elaborar suas experiências cuja expressão ocorre por meio da fala.

Autores como Melanie Klein e Winnicott estudaram o brincar e suas propriedades terapêuticas relacionadas às intervenções clínicas e o tratamento de crianças. Em seus estudos Klein (2017, p. 159) destacou que na brincadeira a criança não apenas se diverte, mas “[...] fala e diz toda sorte de coisas que têm valor de associações genuínas, assim como um adulto produz associações para elementos do seu sonho.” Assim, a autora considera que o brincar é uma forma de comunicação utilizada pela criança para expressar aquilo que ainda não consegue por meio de palavras, principalmente nas situações de ansiedade e expectativa.

Winnicott (1975) estudou o brincar sob a perspectiva da psicanálise, considerando-o como objeto de estudo com grande significado, não se limitando às crianças, mas se estendendo aos adultos. Para o autor “O brincar criativo é um modo de se enfrentar com a realidade que valoriza esta alegria de estar vivo. Frente a um cansaço de sujeição, o brincar com a realidade se apresenta como a possibilidade de criar, de colocar um tom pessoal na experiência, de rearranjar campos” (Winnicott, 1975, p. 18).

Nas crianças, além de não haver um aparelho mental desenvolvido e capaz de se expressar por palavras, a ansiedade impede as associações verbais. A representação por meio de brinquedos, por estar de certa forma afastada da própria criança, está menos investida de ansiedade. “Se conseguirmos aliviar a ansiedade e obter, numa primeira instância, mais representações indiretas, não há dúvida de que poderemos trazer para a análise a mais completa expressividade verbal de que a criança é capaz” (Klein, 1927/1996, p. 176).

Nesse sentido, por meio do brincar, meninos e meninas conseguem atribuir significados aos sentimentos e conflitos internos. “O brincar proporciona um vínculo entre terapeuta e paciente adquirindo confiança e gerando empatia de ambas as partes” (Rodrigues; Souza, 2021, p. 3).

Jonas (2017) destaca que a ludoterapia, deve ser considerada como uma jornada terapêutica através do brincar, constituindo-se de uma abordagem psicoterapêutica singular, especialmente direcionada ao universo infantil. Ao transformar o ato de brincar em um espaço

de expressão e comunicação, o terapeuta habilita a criança a elaborar simbolicamente suas experiências, sentimentos e conflitos internos.

Essa modalidade terapêutica, fundamentada na premissa de que a brincadeira é a linguagem natural da criança, permite um acesso privilegiado ao seu mundo interno, possibilitando a identificação e o trabalho de questões que podem estar interferindo em seu desenvolvimento emocional e social. A ludoterapia, portanto, se constitui como um recurso terapêutico eficaz, capaz de promover o bem-estar psicológico da criança, fortalecendo sua autoestima, desenvolvendo habilidades sociais e auxiliando-a na construção de uma identidade saudável (Rodrigues; Souza, 2021).

Cavalcanti *et al.* (2020) evidencia que a escolha dos brinquedos e materiais utilizados na ludoterapia é de fundamental importância, pois estes atuam como mediadores simbólicos, permitindo à criança expressar seus desejos, medos e fantasias de forma lúdica. O terapeuta, por sua vez, atua como um observador atento, interpretando o significado das brincadeiras e oferecendo um ambiente seguro e acolhedor para que a criança possa explorar suas emoções.

É importante destacar que a ludoterapia não se limita ao ato de brincar, mas sim a um processo terapêutico estruturado, no qual o terapeuta utiliza técnicas específicas para facilitar a expressão e o processamento das experiências da criança. A ludoterapia, portanto, é uma prática complexa que exige do terapeuta uma formação sólida em psicologia do desenvolvimento e uma sensibilidade especial para lidar com o universo infantil (Jonas, 2017).

Para Rodrigues e Souza (2021), a ludoterapia apresenta diversas vantagens em relação a outras modalidades terapêuticas, uma vez que permite à criança expressar seus sentimentos de forma mais espontânea e autêntica. Além disso, promove o desenvolvimento de habilidades sociais, como a cooperação, a empatia e a resolução de conflitos, e contribui para o fortalecimento da autoestima da criança.

A inclusão da Ludoterapia nas intervenções clínicas voltadas para a pediatria trouxe diversas mudanças no ambiente hospitalar. A Ludoterapia pode ser considerada como instrumento terapêutico de grande relevância quando se trata do bem-estar ou a recuperação de crianças que estejam hospitalizadas. As brincadeiras permitem que elas passem a aceitar e compreender melhor as circunstâncias que levaram à internação e a ludoterapia visa tornar o processo de cura menos técnico e mais humanizado (Jonas, 2017).

Rodrigues e Souza (2021) relatam que a ludoterapia ganha maior visibilidade por meio das técnicas, bem como dos métodos utilizados, os quais revelam grande capacidade na recuperação de pacientes pediátricos e do mesmo modo, observa-se a redução da ansiedade, o que ocorre a partir da aceitação do processo pelo qual as crianças estejam passando.

As atividades envoltas na ludicidade permitem o desenvolvimento de diversas habilidades, sobretudo as relacionadas à expressão dos próprios sentimentos. Do mesmo modo, as brincadeiras podem fazer com que as crianças acessem as emoções reprimidas, capazes de tornar a experiência da hospitalização traumática e ainda mais dolorosa (Caricchio, 2017).

A eficácia da ludoterapia tem sido comprovada em diversos estudos, que demonstram os benefícios dessa abordagem para o tratamento de uma ampla gama de dificuldades emocionais, como ansiedade, depressão, dificuldades de aprendizagem e transtornos de comportamento. No entanto, é importante ressaltar que a ludoterapia deve ser realizada por um profissional qualificado, que possua experiência em trabalhar com crianças e que esteja atualizado sobre as teorias e técnicas mais recentes da área (Jonas, 2017).

Para Cavalcante *et al.* (2020), na infância o ato de brincar tem o poder de auxiliar as crianças a interpretar e construir os significados mediante o contexto no qual se encontram inseridas. Além disso, a ludicidade conferida aos jogos e às brincadeiras serve para estimular o aprendizado, bem como o desenvolvimento infantil, sendo o brincar um dos principais meios para que os aspectos sensório-motores, cognitivos, sociais e culturais sejam desenvolvidos.

1.1.3. Ludoterapia no contexto da hospitalização infantil

Sobre as formas de intervenção, Rodrigues e Souza (2021, p. 4) reforçam que “existem diferenças entre as formas de intervenção, a intervenção psicológica associada ao brincar são manejos que possibilitam um ambiente preventivo dos comportamentos depressivos e ajuda no enfrentamento das dificuldades.” Por sua vez, a Ludoterapia corresponde às intervenções terapêuticas nas quais o brincar é um recurso consignado às técnicas psicológicas, sendo amplamente utilizado por profissionais, para que interpretem e acessem os sentimentos e emoções reprimidas pela criança. Para que isso ocorra, a literatura aponta para a necessidade de ambientes que sejam apropriados para a aplicação das atividades lúdicas.

Santos e Fávero (2020) revelam que o brinquedo terapêutico recebe algumas classificações, sendo descrito como dramático, capacitador de funções fisiológicas e instrucional.

O brinquedo terapêutico dramático possibilita a criança expressar os medos, sentimentos e desejos, verbalizando as experiências difíceis e conseqüentemente alcançando o alívio da tensão. O brinquedo capacitador ajuda no autocuidado, considerando a fase desenvolvimental e as condições físicas da criança além de trabalhar a aceitação da situação vivenciada. E o brinquedo instrucional é utilizado para trabalhar aspectos relacionados aos

procedimentos que a criança será submetida possibilitando sua compreensão e aceitação (Rodrigues; Souza, 2021, p. 5).

Caricchio (2017) destaca que o brincar, sob a perspectiva terapêutica, é valorizado como um recurso capaz de facilitar e possibilitar a redução do estresse ocasionado pela hospitalização. Do mesmo modo, faz com que o desenvolvimento infantil não seja interrompido. A brincadeira pode ser classificada como recreacional e terapêutica. Na recreacional as atividades não possuem uma estrutura fixa, sendo dimensionada de forma livre e espontânea. Seu objetivo principal se volta para a integração e a diversão das crianças. Já na brincadeira terapêutica apresenta atividades estruturadas, dimensionadas por profissionais com formação adequada e se voltam, basicamente, para o bem-estar, tanto físico, quanto emocional da criança hospitalizada. Não obstante, a ludoterapia traz benefícios, não apenas à criança internada, mas aos profissionais que atuam no ambiente hospitalar, uma vez que proporciona integração e aceitação em relação aos procedimentos clínicos.

A literatura reforça que a finalidade básica da ludoterapia corresponde ao trabalho voltado aos pacientes pediátricos e com isso, fazer com que as crianças em tratamento consigam diminuir a ansiedade, ao passo que se integram e adaptam ao ambiente hospitalar. Além disso, a partir das brincadeiras, a criança dimensiona e se adapta melhor ao ambiente hospitalar, minimizando a aversão, bem como o temor pelos procedimentos (Caricchio, 2017).

Sobre algumas das intervenções lúdicas, o desenho é citado como exemplo, utilizado na avaliação das expressões emocionais, bem como das cognitivas e comportamentais. Já as histórias são usadas para a análise dos padrões de pensamento, além das reações emotivas e capacidade de resolver problemas. Com isso, as informações recebidas pelas crianças podem ser organizadas e as experiências elaboradas de uma forma mais tranquila (Rodrigues; Souza, 2021).

Em seus estudos, Sanchez (2020) destaca que a ludoterapia deve ser aplicada para os comportamentos depressivos sejam prevenidos, ao passo que auxilia a criança a superar as dificuldades que a hospitalização pode impor. Com isso, é possível resgatar o bem-estar e a familiaridade com o processo e o impacto ocasionado pelo adoecimento.

Lima (2022) destaca a diversidade de técnicas utilizadas na ludoterapia hospitalar, como pintura, teatro e mímica.

No Brasil, o palhaço também é um recurso comum, combinando música, bonecos e outras técnicas para criar um vínculo terapêutico com as crianças. Segundo Caricchio (2017), esses recursos permitem que as crianças expressem seus medos, fantasias e mundo imaginário através da brincadeira.

Um dos recursos apresentados na literatura e ressaltado por Silva *et al.* (2018), se refere ao brincar terapêutico. Não obstante, entende-se que sua inclusão no ambiente hospitalar revela-se como uma estratégia eficaz para promover o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança hospitalizada.

Além de contribuir para a diminuição do medo e da ansiedade associados aos procedimentos médicos, o brincar terapêutico fomenta a interação social e a expressão de sentimentos, auxiliando na construção de um ambiente mais humanizado e acolhedor. Ao proporcionar à criança a oportunidade de brincar e de se expressar livremente, o brincar terapêutico possibilita a manutenção de suas atividades lúdicas, tão importantes para o seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, minimizando os impactos negativos da hospitalização. Nesse sentido, a ludicidade transforma o ambiente hospitalar em um espaço mais familiar e convidativo, favorecendo a criação de vínculos afetivos entre a criança, a família e a equipe de saúde (Silva *et al.*, 2018).

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo tratou de uma pesquisa descritiva, a qual, de acordo com Vergara (2020), é aquela que visa expor as características do fenômeno em estudo, definindo sua natureza, sem explicá-lo. Quanto à abordagem, foi uma pesquisa qualitativa, dimensionada a partir de dados que não podem ser quantificados.

O estudo teve como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica, a qual se organizou de modo a responder o problema de pesquisa partindo do que a literatura dispõe acerca da temática. Destaca-se que a pesquisa bibliográfica se fundamentou nos estudos já realizados sobre algum tema e visa o aprofundamento dos referenciais teóricos (Gil, 2013).

Serão investigados estudos publicados no SciELO e Lilacs. Ressalta-se que os artigos científicos serão incluídos a partir de cinco anos de publicação e serão utilizados alguns termos, sendo eles “ludoterapia”, “hospitalização”, “ludoterapia e desenvolvimento”, “bem-estar da criança hospitalizada”. Os artigos e outros referenciais serão classificados por critérios de inclusão e após a devida análise do conteúdo, passarão a compor os resultados do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A hospitalização é um processo delicado e complexo, principalmente quando se trata de crianças e além de mexer com o cotidiano da família, ainda se mantém distante das experiências diárias que fazem parte de seu desenvolvimento. Nesse sentido, o discurso de Martins *et al.* (2016) evidencia que os sentimentos de tristeza, medo e angústia podem ser manifestados nos comportamentos infantis, tornando as crianças agressivas, ao passo que as fazem regredir em relação ao nível de desenvolvimento. O hospital, sendo um ambiente estéril e até certo ponto, muito distante e frio, impõe aos hospitalizados alguns desafios, principalmente no campo socioemocional.

Alves *et al.* (2019) ao lançar um olhar para a hospitalização infantil, ressalta que esses momentos são delicados, visto que, além de promover o desgaste físico e emocional, também afeta outros aspectos, dentre eles, os afetivos. No entanto, por mais que o ambiente hospitalar seja angustiante, é possível torná-lo um lugar onde os vínculos serão fortalecidos, bem como a afetividade e interação social serão ampliadas. Em meio à hospitalização, é de grande importância que a família se una e seja amparada, no sentido de vivenciarem o processo de forma mais humanizada.

Bazzan *et al.* (2020), reforça que a hospitalização infantil, além de impactar significativamente a criança, desencadeia um conjunto de reações complexas nos familiares, perturbando a dinâmica familiar e o cotidiano. Diante disso, entende-se que a necessidade de um tratamento clínico suscita os sentimentos de incerteza, ao passo que a criança passa a sofrer os efeitos que a doença insere no seu cotidiano, o que intensifica sua vulnerabilidade, além de romper com a rotina familiar.

Rodrigues, Fernandes e Marques (2020) comungam a mesma perspectiva ao ressaltar que a hospitalização costuma ser um marco crítico, especialmente na primeira infância, quando o vínculo familiar é mais intenso. Além disso, a retirada da criança de seu ambiente de segurança e a incerteza sobre o prognóstico da doença geram um profundo impacto emocional, tanto na criança quanto em seus familiares. Pontes *et al.* (2022), por sua vez, evidenciam que a problemática da criança hospitalizada pode ser compreendida a partir da análise de que ela, ao ser inserida em um ambiente desconhecido, pontuado por procedimento e linguagens complexos, experimenta angústia e desconforto, enquanto os pais vivenciam uma gama de emoções negativas, como ansiedade, medo, insegurança e desorientação, o que aumenta a vulnerabilidade de ambos.

Embora o hospital não seja o local mais adequado para a aprendizagem, Silva, Souza e Teixeira (2019) defendem que muitas atividades podem ser desenvolvidas nesse ambiente, desde que sejam verificados os limites impostos pelo motivo da internação e seu tratamento.

Ressaltamos que a presença de profissionais capacitados para atender às necessidades emocionais das crianças é fundamental, uma vez que a hospitalização, mesmo com o acompanhamento familiar, pode gerar sentimentos contraditórios.

Em seus estudos Ferreira *et al.* (2020) evidenciou que tanto o isolamento, quanto a ruptura da rotina, comuns no ambiente hospitalar, contribuem para que a criança se torne ainda mais vulnerável, visto que não apenas é distanciada do mundo familiar, mas todo seu universo é abalado, gerando sentimentos negativos exteriorizados pela irritabilidade e outras emoções à flor da pele.

Há que se destacar que o hospital possui uma imagem que tradicionalmente é aliada aos ambientes estéreis, frios e pontuados pelo sofrimento. Souza *et al.* (2017) ensina que os sentimentos negativos podem gerar ansiedade e angústias, o que compromete o processo de tratamento e recuperação, não apenas em crianças, mas em todos que precisam de alguma intervenção clínica. A partir da perspectiva do referido autor, observamos que a hospitalização, ao representar uma ruptura com a rotina e a segurança do ambiente familiar, e ao exigir a submissão a procedimentos invasivos e desconhecidos, acentua a sensação de vulnerabilidade e insegurança, podendo, inclusive, prolongar o tempo de recuperação.

Um dos aspectos mais preocupantes em relação ao ambiente hospitalar, de acordo com Rodrigues e Souza (2021) se encontra em sua desumanização, caracterizada pela falta de individualização do cuidado e pela ausência de estratégias para minimizar o sofrimento emocional. De fato, isso contribui significativamente para a intensificação desses sentimentos negativos, impactando a experiência da criança e de seus entes.

Para amenizar os momentos negativos, a literatura insere a ludoterapia, a qual é apresentada por Rodrigues e Souza (2021), como sendo parte dos espaços instituídos para que as crianças possam expressar e reelaborar seus conflitos internos, tendo o brincar como válvula de escape. Desse modo, ressaltamos o ponto de vista dos autores, os quais pontuam que o profissional, ao transformar o ato lúdico em uma ferramenta terapêutica, habilita a criança a construir significados para suas experiências, promovendo um vínculo de confiança e empatia.

Mediante a literatura consultada e considerando os argumentos de Rodrigues e Souza (2021), observamos que a ludoterapia se encontra além da diversão, visto que se constitui como parte integrante das jornadas terapêuticas, responsáveis por auxiliar a criança a entender os desafios e como podem ser superados. Do mesmo modo, os autores argumentam o reconhecimento da brincadeira enquanto linguagem natural da criança, por meio da ludoterapia o mundo interno da criança pode ser acessado, possibilitando a identificação e o trabalho de questões que podem estar interferindo em seu desenvolvimento integral.

Cavalcanti *et al.* (2020) ressaltam que a ludoterapia está além do simples ato de brincar, compondo um espaço terapêutico enriquecido pela simbologia infantil. Assim, destacamos a necessidade de uma escolha cuidadosa dos brinquedos e materiais à disposição, os quais possibilitam à criança expressar de forma lúdica seus desejos, medos e fantasias mais profundos.

Jonas (2017), ao discorrer sobre a figura do terapeuta, o qual atua como um observador atento e sensível, decodifica as mensagens implícitas nas brincadeiras, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para que a criança explore suas emoções e construa significados para suas experiências. Além disso, a ludoterapia não corresponde somente à brincadeira, mas exige, por sua complexidade, uma sólida formação em psicologia do desenvolvimento e utilizar meios capazes de lhe permitir a compreensão acerca das particularidades do universo infantil.

De acordo com Rodrigues e Souza (2021), as vantagens da ludoterapia, segundo são inúmeras: além de permitir uma expressão mais espontânea e autêntica dos sentimentos, ela promove o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, como a cooperação, a empatia e a resolução de conflitos, contribuindo significativamente para o fortalecimento da autoestima e o bem-estar emocional da criança.

Para Jonas (2017), a ludoterapia, com suas raízes nos estudos pioneiros de Freud, Melanie Klein e Winnicott sobre o brincar e suas propriedades terapêuticas, revolucionou a prática clínica pediátrica. Não obstante, o autor reforça que a ludoterapia se configura como um recurso indispensável para promover o bem-estar e a recuperação de crianças hospitalizadas, uma vez que permite a elas compreender e aceitar de forma mais amena as adversidades do tratamento. Concordando com Jonas (2017), Caricchio (2017) leciona que a ludoterapia, vai além do brincar, constituindo-se em uma ferramenta terapêutica poderosa que contribui para a promoção da saúde integral da criança hospitalizada.

Enquanto abordagem terapêutica, Rodrigues e Souza (2021) destaca-se que a ludoterapia se diferencia de outras abordagens terapêuticas por utilizar o brincar como ferramenta central para a prevenção e o tratamento de diversas dificuldades emocionais na infância. Ao proporcionar um ambiente lúdico e seguro, a ludoterapia possibilita que a criança expresse seus sentimentos e conflitos internos de forma espontânea, facilitando o processo de compreensão e elaboração de suas experiências.

Conforme enfatizado por Caricchio (2017), a ludoterapia desempenha um papel fundamental na humanização do cuidado pediátrico, minimizando o estresse e a ansiedade associados à hospitalização. Ao proporcionar um ambiente lúdico e seguro, promove, não só o

desenvolvimento infantil, mas também facilita a adaptação da criança ao ambiente hospitalar e aos procedimentos médicos.

A ludoterapia oferece às crianças ferramentas para organizar suas experiências e construir significados para os eventos de suas vidas, conforme apontam Rodrigues e Souza (2021). Sanchez (2020) corrobora essa perspectiva, destacando o papel da ludoterapia na prevenção e no manejo de comportamentos depressivos, especialmente em contextos hospitalares, onde as crianças enfrentam desafios significativos. A diversidade de técnicas utilizadas na ludoterapia hospitalar, como pintura, teatro, mímica e a presença do palhaço, como ressaltam Lima (2022) e Caricchio (2017), amplia as possibilidades de expressão e comunicação das crianças, permitindo que elas elaborem seus medos, fantasias e vivenciem um processo de cura mais humanizado e acolhedor.

A inserção do brinquedo terapêutico no contexto hospitalar, como destacado por Silva *et al.* (2018), revela-se como uma estratégia fundamental para promover o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança hospitalizada. Do mesmo modo, ao proporcionar um ambiente lúdico e seguro, o brinquedo terapêutico vai além de simples entretenimento, atuando como uma ferramenta eficaz para a redução do medo, da ansiedade e do estresse associados aos procedimentos médicos.

Sobre as hipóteses que nortearam o presente estudo, a de que as abordagens lúdicas podem suscitar a alegria e a confiança, materializando algumas das ferramentas de cuidado, encontra respaldo em diversos estudos e experiências. Isso posto, restou comprovado que o brincar, além de ser uma atividade prazerosa, é uma ferramenta poderosa para promover o bem-estar e o desenvolvimento humano.

A hipótese sobre os benefícios da ludicidade e sua relação com o alívio das preocupações das crianças hospitalizadas, sugere que o ato de brincar pode ter um impacto positivo e transformador na vida de crianças que estão internadas em hospitais. Ao proporcionar momentos de alegria e diversão, o brincar pode transformar a experiência da doença, promovendo o bem-estar emocional e o desenvolvimento da criança, diante das intervenções clínicas e suas possibilidades.

Por sua vez, a hipótese de que a ludicidade ocasiona a retomada da individualidade, além da redução dos possíveis quadros depressivos, em crianças em tratamento, os estudos sugerem que o ato de brincar pode ter um impacto positivo e transformador na vida de crianças que estão passando por algum tipo de tratamento médico. A partir da pesquisa realizada, compreendemos que ao proporcionar momentos de alegria e diversão, o brincar pode

transformar a experiência da doença, promovendo o desenvolvimento integral da criança e contribuindo para uma recuperação mais rápida e completa.

Por fim, a hipótese de que a ludoterapia é uma possibilidade de ressignificação e humanização dos espaços destinados ao tratamento se confirmou, uma vez que o uso da ludoterapia nos ambientes hospitalares pode transformar profundamente a experiência da criança durante o tratamento. Nesse sentido, ressaltamos que ao proporcionar momentos de alegria e diversão, o brincar pode transformar a experiência da doença, promovendo o bem-estar emocional da criança e contribuindo para uma recuperação mais rápida e completa.

4 CONCLUSÃO

O estudo sobre a ludoterapia com crianças hospitalizadas trouxe algumas perspectivas pontuadas na literatura e dentre elas, ressaltamos que a hospitalização infantil é descrito como um período desafiador que exige cuidados especiais e a criança, além de lidar com a doença, precisa enfrentar um ambiente desconhecido e muitas vezes assustador.

É nesse espaço de medo e angústias que a ludicidade é mencionada enquanto ferramenta significativa na promoção do bem-estar, tanto físico, quanto emocional da criança. O brincar, como parte integrante das mais diferentes formas de expressão, presente em jogos, brincadeiras e atividades artísticas, desempenha um papel fundamental na vida da criança. Ao proporcionar momentos de alegria e descontração, a ludoterapia ajuda a reduzir o estresse, a ansiedade e o medo associados à hospitalização.

Os referenciais teóricos apontam que a ludoterapia pode ser considerada como uma ferramenta terapêutica, muito importante quando se trata de tornar o ambiente hospitalar mais humano e próximo da vivência da criança. Desse modo, destacamos que o psicólogo, ao transformar o ambiente hospitalar em um espaço mais acolhedor e lúdico, tem no brincar um poderoso aliado no enfrentamento das adversidades da doença.

Ressaltamos que por meio da ludoterapia, a criança encontra um refúgio para expressar seus sentimentos, medos e ansiedades e assim, o ato de brincar permite que ela se desconecte da realidade hospitalar, promovendo o bem-estar emocional e contribuindo para uma recuperação mais rápida. Além disso, a ludoterapia estimula o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, fortalecendo sua autoestima e resiliência.

Considerando que a ludoterapia não proporciona benefícios somente individuais, destacamos que ela também torna a vivência da família mais positiva, constituindo-se em um

espaço para se conectar com a criança de forma mais leve e prazerosa. Além disso, a ludoterapia contribui para a humanização do trabalho dos profissionais de saúde, que podem estabelecer um vínculo mais próximo com seus pequenos pacientes.

Por fim, evidenciamos que a ludoterapia é uma prática indispensável na hospitalização infantil e na integração do brincar e o cuidado, é possível transformar a experiência da doença em uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. R. B. et al. A criança hospitalizada e a ludicidade. *Revista Mineira de Enfermagem*, 23, 1-9, 2019.
- BAZZAN, J.S. et al. O processo de adaptação familiar à hospitalização infantil em Unidade de Terapia Intensiva. *Rev Esc Enferm USP*, 54, 2020.
- CARICCHIO, M. B. M. Tratar brincando: o lúdico como recurso da fisioterapia pediátrica no Brasil. *Rev. Eletrôn. Atual. Saú.* Salvador, 2017.
- CAVALCANTE, N. A. S. et al. Hospital de ursinhos: o uso da ludoterapia na educação em saúde de crianças. *Brazilian Journal Of Health Review*, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 580-586, 2020.
- FERREIRA, L. B. et al. (2019). Cuidar de enfermagem às famílias de crianças e adolescentes hospitalizados. *Rev Enferm. UFPE on line*. Recife, 13(1):23-31, 2019.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Ática, 2013.
- JONAS, M. F. et. al. O lúdico como estratégia de comunicação para a promoção do cuidado humanizado com a criança hospitalizada. *Revbrasciênc saúde*. 2017.
- KLEIN, M. A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2017. (reimp.)
- LIMA, K.Y. N. *O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer*. São Paulo: Editora Record, 2022.
- LIMA, I.G.M; et al. Contribuições das práticas de humanização em saúde para o bem-estar de crianças e cuidadoras durante internação hospitalar. *REVASF*, vol. 11, n.26, p. 361-385, Dezembro, 2021.
- LIMA, K. Y. N. et al. Atividade lúdica como ferramenta para o cuidado de enfermagem às crianças hospitalizadas. *REME rev. min. enferm.* v.18, n.3, pag. 741-746. 2018.
- MARTINS, A. K. L. et al. Repercussões da clownterapia no processo de hospitalização da criança. *Rev Pesqui Cuid Fundam Online*. 2016.
- RODRIGUES, E.D.S.; SOUZA, N.B. A ludoterapia no processo de hospitalização da criança. *Revista Científica Online*, v13, n1, 2021.
- SALGADO, M. A. et al. Percepção da enfermagem acerca do acompanhante no cuidado à criança hospitalizada. *Ciência & Saúde*, 11(3), 143-150, 2018.
- SANCHEZ, M. L. M. Internação infantil e sintomas depressivos: intervenção psicológica. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, jun. 2020.
- SANTOS, R.M.; FÁVERO, L. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. *Rev Gaúcha Enferm*, jun;31(2):247-53, 2020.

SILVA, E.M.; SOUZA, M.O.; TEIXEIRA, V.P.G. Contribuições da ludoterapia para crianças hospitalizadas. *GEPNEWS*, a.3, v.2, n.2, p.505-511,abr./jun. 2019.

SOUZA, A. A. M. *et al.* Uso de recursos lúdicos na assistência à criança hospitalizada: relato de experiência. *Revista Intercâmbio*. v. 10, p. 238-243, 2017.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.